

Acalanto da fé

Acalanto



O RESTAURADOR EDMILSON MARQUES DÁ OS ÚLTIMOS RETOQUES EM PEÇAS DO INSTRUMENTO DA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO, NA HISTÓRICA TIRADENTES

Recuperação de órgãos musicais do século 18, que apodreciam em igrejas de Minas Gerais, vai enriquecer celebrações religiosas. Mas há outros esperando reparos

GUSTAVO WERNECK

A população da histórica Tiradentes, a 210 quilômetros da capital, recebeu na noite de sexta-feira a primeira parte de um presente deslumbrante. Depois de seis meses de restauração, foi entregue à comunidade a caixa do órgão da Matriz de Santo Antônio, um dos primores barrocos de Minas Gerais e do circuito da Estrada Real. No coro da igreja, moradores puderam apreciar a recuperação da peça de madeira do século 18, com cinco metros de altura por três metros de largura, que teve o seu encanto apagado pela alteração de cores e pelo ataque de cupins. A expectativa, agora, é quanto à outra parte do presente, o maquinário, que só retornará à cidade em meados de 2008 para as comemorações dos 220 anos de construção do instrumento. Tubos, teclado e foles avariados estão encaixotados, prontos para serem enviados à oficina especializada Grenzlig, em Barcelona, na Espanha.

Minas Gerais e Bahia são os estados com maior número de órgãos do século 18 preservados, informa a consultora do projeto de restauro em Tiradentes, Elisa Freixo, que cuida com a mesma paixão do existente e em perfeito funcionamento na Catedral da Sé, em Mariana, na Região Central de Minas. Além dessas duas jóias, ela cita instrumentos da mesma época, que estão merecendo atenção: em São João del-Rei, também no Campo das Vertentes, em Diamantina, no Vale do Jequitinhonha, e no distrito de Córregos, em Conceição do Mato Dentro, a 175 quilômetros de Belo Horizonte. “Nossa ideia é criar um roteiro musical passando por todas essas cidades”, afirma Elisa.

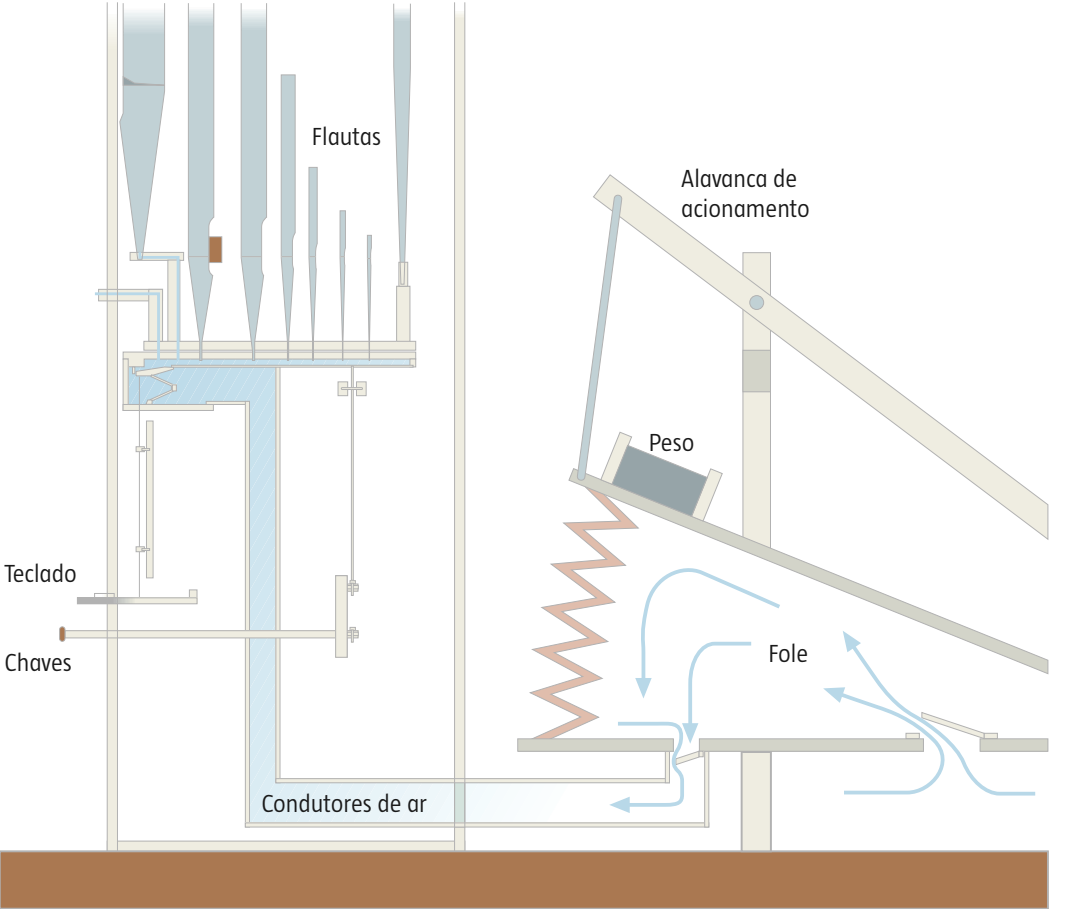
Em outros municípios, no entanto, a história desafinou. O órgão da Matriz de Nossa Senhora

do Bom Sucesso, em Caeté, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, foi transformado em armário, na sacristia, para guardar os paramentos dos padres. Em Ouro Preto, também não estão em cena quatro deles – da Matriz do Pilar e das igrejas de Nossa Senhora do Carmo, de Nossa Senhora do Rosário e do Padre Faria, assim como o de Congonhas, que tem a caixa esculpida por Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (1730-1814).

Em Tiradentes, o clima é de entusiasmo pelo projeto de recuperação do instrumento (caixa e maquinário), que estava mudo há quatro anos e recebeu investimentos de R\$ 1 milhão, bancados pela Usiminas, Petrobras e Itaú Cultural. O valor contempla ainda o patrimônio imaterial, conta Elisa: “Ao longo do restauro, criamos um coral com 35 pessoas da comunidade para resgate das peças compostas por Manoel Dias de Oliveira, o primeiro organista de Tiradentes, ainda no século 18. Com essa iniciativa, teremos o instrumento e os cantores para concertos em missas solenes e outras cerimônias religiosas”.

ROCOCÓ Com a caixa em estilo rococó, o órgão tem oito fileiras de tubos, com 632 flautas feitas de uma liga de estanho e chumbo, com douramentos na boca (saída do som) e corpo prateado, um teclado, dois foles, com cerca de 1,20m de diâmetro, cada um (aberto) e duas alavancas. “A caixa foi feita em Tiradentes, a partir de um desenho do entalhador Salvador de Oliveira e douramento de Manoel Vitor de Jesus. O maquinário veio da cidade do Porto, em Portugal”, informa o pesquisador Olinto Rodrigues dos Santos, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), responsável pelo tombamento da igreja. Ele lembra ainda que livros de registros de 1758 mostravam o pagamento a um or-

COMO FUNCIONA



ganista no Santuário da Santíssima Trindade. Pouco antes da entrega oficial, na sexta-feira, o restaurador Edmilson Barreto Marques, da empresa Anima Conservação, Restauro e Arte, que atuou no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, deu a última conferida no serviço. Ele contou que houve uma primeira intervenção, em 1978, embora, naquela época, tenha sido usado um tipo de cera que oxidou a pintura. Observando os anjos no alto da peça, ele acredita que os órgãos evidenciam o “caráter sedutor da música”.

Movidos a muito talento e ar, que penetra nos foles e movimentam todo o maquinário (veja ilustração), os órgãos tiveram o seu apogeu, em Minas, no século 18, durante o Ciclo do Ouro. Com a grande riqueza circulando pelas vilas, teve início a tradição de se usar o instrumento para dimensionar melhor a importância das celebrações religiosas. Assim, os bispos começaram a importá-los da Europa ou mandar fabricá-los na colônia. “Ele está muito relacionado à fé cristã, com o seu som contínuo e imutável. Durante 500 anos, até o fim da Idade Média, foram os úni-

cos instrumentos autorizados pelo Vaticano a entrar nas igrejas”, conta Elisa.

Uma boa referência dessa história está em Mariana, primeira vila, cidade, diocese e capital de Minas. Na Catedral da Sé está o instrumento construído na primeira década do século 18, em Hamburgo, na Alemanha, por Arp Schnitger (1648-1719), um dos maiores nomes nesse assunto. Enviado inicialmente a uma igreja franciscana de Portugal, o órgão chegou ao Brasil em 1753, como presente da coroa portuguesa ao primeiro bispo da cidade. Entre os exemplares sobreviventes da manufatura Schnitger, trata-se de um dos mais bem conservados e o único que se encontra fora da Europa. O instrumento está em estudos para fazer parte do tombamento internacional de órgãos da manufatura Arp Schnitger pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura).



CAIXA DE ANTIGO ÓRGÃO VIRA ARMÁRIO NA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO BOM SUCESSO, EM CAETÉ

MATÉRIA DE CAPA

Organistas, restauradores e estudiosos tentam descobrir origem e características de instrumentos que estão à espera de reparo. Trabalho é difícil e exige cuidado

Nos passos da história

Construído na segunda metade do século 18, em jacarandá, cedro e pau-pereira, madeiras do Campo das Vertentes, o órgão de São João del-Rei, a 185 quilômetros de Belo Horizonte, também está mais perto da restauração. Esta semana, será assinado um contrato entre a Associação dos Amigos do Museu Regional (Amarei), da cidade, e a Petrobras, para liberação de uma verba de R\$ 400 mil, via Lei de Incentivo à Cultura. Desde 1963, o instrumento, que tem o estilo de um armário e também está sem funcionamento, se encontra na biblioteca do museu administrado pelo Iphan, no Centro Histórico. Inicialmente, pertenceu a uma fazenda da região e depois à Ordem Terceira do Carmo.

Segundo Elisa Freixo, consultora do projeto de restauro, o órgão é típico de procissão, portanto, podia ser levado às ruas para acompanhar as imagens, dando um ar ainda mais solene às celebrações. Enquanto mostra o teclado, a consultora explica que o maquinário se encontra em estado precário e será necessário reconstituir os tubos, com base nas medidas originais. “Infelizmente, no Brasil, não há oficinas especializadas em recuperação de instrumentos tão antigos. Por isso, temos que mandar o maquinário para a Europa. Os órgãos são as vozes do passado, e, com a restauração, poderemos ter uma melhor interpretação da música brasileira da época”, afirma.

Já no bucólico distrito de Córregos, a 40 quilômetros de Conceição do Mato Dentro, no caminho dos diamantes da Estrada Real, ganha fôlego um movimento para a preservação do órgão da Matriz de Nossa Senhora Aparecida. À frente, estão o organista, cravista e pianista Handel Celílio e o restaurador Alexandre José de Assis. Eles fazem um levantamento da peça esculpida em cedro, mas que tem pouca documentação para jogar mais luz sobre o seu passado. “A nossa idéia é a restauração, que é perfeitamente possível, mas estamos nas pesquisas preliminares, tanto sobre a história como sobre a análise da composição dos tubos. Em 1905, ele passou por um restauro”, afirma Handel, que faz mestrado em música na Unicamp.

Originalmente, o órgão da igreja de Córregos, templo católico tomba-



FOTOS: EMMANUEL PINHEIRO/EM

Edmilson Marques e o historiador Olinto Rodrigues, do Iphan, estão afinados no minucioso trabalho de restauração, em Tiradentes

do pelo Iphan, tinha 329 tubos: 235 de metal e 94 de madeira. Restam apenas 118. No teclado, há 47 notas. “A parte fônica é a alma do instrumento”, ressalta o organista, revelando que muitas fazendas mineiras dispunham do seu particular. A existência de um deles na igreja de um local isolado deve-se à opulência durante o período da mineração, explica.

DIAMANTINA A jóia musical de Diamantina, a 292 quilômetros de Belo Horizonte, saiu da cabeça e das mãos do padre Manoel de Almeida Silva, entre 1782 e 1787, quando a cidade ainda era o primitivo Arraial do Tiju-

co, informa o presidente da Associação de Amigos do Órgão Lobo de Mesquita, Marco Aurélio Brescia, que conclui mestrado sobre órgãos barrocos brasileiros na Universidade Sorbonne, em Paris, e cuida do restauro da parte instrumental da peça, que fica na Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Brescia explica que se trata de instrumento que obedece os parâmetros construtivos da arte ibérica, com influência italiana, como era costume em Portugal. No currículo da peça está o seu uso pelo compositor José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (1746-1805), que foi organista na Igreja do Carmo, entre 1787 e 1794. “É

o único instrumento remanescente da época, em Diamantina. Por isso, a restauração trará novos subsídios para uma interpretação historicamente fundamentada da obra do compositor”, diz Brescia.

Há mais de 50 anos o instrumento está mudo. “Por sorte, ele conserva 97% da integridade do material sonoro, a mecânica de registros completa e uma parte bastante significativa da mecânica de notas”, conta o presidente da associação. A caixa, segundo Brescia, está em bom estado de conservação, com uma curiosidade: “Pode ter sido construída por Francisco Antônio Lisboa, um quase homôni-

mo do Aleijadinho, e certamente dourada pelo guarda-mor José Soares de Araújo, autor da notável pintura dos tetos da nave e capela-mor da igreja”.

Em agosto, o projeto de restauro foi aprovado pelo Ministério da Cultura, via Lei Rouanet, e teve início a captação de recursos para a recuperação da caixa, sob supervisão do Iphan, e da parte instrumental. O projeto tem como proponente a Mitra Arquidiocesana local e conta com apoio do Iphan e da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. “que tem zelo do primorosamente pela conservação e absoluta integridade do instrumento”, afirma Brescia. (GW)

Maquinário some e caixa vira móvel

Nesta maravilhosa viagem pelo tesouros musicais de Minas, uma nota dissonante. Em Caeté, ex-Vila Nova da Rainha, criada em 1714, o órgão da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, tombada pelo Iphan desde 1938, serve hoje para guardar batinas e outros objetos sacros. Ninguém sabe como nem quando o instrumento perdeu o maquinário. “Quando vim trabalhar aqui, há uns 30 anos, ele já estava no coro, um verdadeiro caco, cheio de entulho. Há alguns anos, um padre resolveu limpá-lo e colocá-lo na sacristia, para dar uma serventia”, conta a zeladora Júlia Romana Chaves, de 66.

Quem vê a peça de 2,85m de altura, 1,73m de largura e 1,03m de profundidade, com anjos pintados, nas portas, tocando flauta, trompa e trompete, não deixa de sentir um frio na espinha. Pior é ver palavras escritas na madeira em policromia, contas feitas a lápis e três gavetas alienígenas na lateral, que entram em choque com o desenho original. Pela foto que está no cadastramento feito pelo Iphan, vê-se que, no

passado, o móvel tinha pinturas também no fundo – atualmente, há uma chapa de madeira na cor natural. “Eu nunca vi esses desenhos, o fundo estava bem estragado”, revela a zeladora.

Caminhando-se pela nave central da igreja, que fica no Centro da cidade, impossível não ficar imaginando como seria sublime ouvir os sons desse instrumento nessa atmosfera barroca. Num banco, um morador concorda e diz que ainda tem esperança de que, com a ajuda da tecnologia, “quem sabe, um dia, ele poderá voltar à ativa se tornar mais uma atração da cidade”.

De acordo com o cadastro do Iphan, que junta dados físicos e históricos, a “caixa de órgão” do século 18 não tem autoria identificada: “Tem forma retangular, tipo armário, em dois corpos. O superior ocupa dois terços da altura total, com duas bandas de portas e pinturas imitando almofadas em branco e cinza, com rocalha vermelha no centro. Laterais com almofadas falsas e janela removível. Na parte inferior, há duas almofadas rasas, com resquícios de pintura branca”. (GW)

A consultora Elisa Freixo avalia o estado do órgão do século 18, de São João del-Rei, que precisa ser recuperado



COMUNICADO

A TIM comunica ao público em geral e a terceiros interessados o bloqueio dos chips de transmissão de dados vinculados ao contrato de prestação de serviço firmado entre TIM e a empresa Crown Processamento de Dados Ltda.

